UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

RAMON JOSÉ AYRES SOUZA

DO USO DA IRONIA NA NEUROSE OBSESSIVA: DESTRUTIVIDADE E CRIAÇÃO SUBLIMATÓRIA

São Paulo
2012

RAMON JOSÉ AYRES SOUZA

DO USO DA IRONIA NA NEUROSE OBSESSIVA: DESTRUTIVIDADE E CRIAÇÃO SUBLIMATÓRIA

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Daniel Kupermann

São Paulo
2012

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Souza, Ramon José Ayres.
Do uso da ironia na neurose obsessiva / Ramon José Ayres Souza; orientador Daniel Kupermann. -- São Paulo, 2012.
208 f.
Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Ironia 2. Transtorno obsessivo-compulsivo 3. Destruição 4. Criação 5. Sublimação I. Título.

BH301.17

Nome: SOUZA, Ramon José Ayres

Título: Do uso da ironia na neurose obsessiva: destrutividade e criação sublimatória

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento:_____ Assinatura: _____

À Maria do Carmo, a 'Tia Lalia':

Minha mãe.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Daniel Kupermann: orientador amigo que acreditou em mim desde o mestrado. Muito obrigado por todo incentivo, dedicação e disponibilidade e, principalmente, por ocupar um raro lugar onde a sensibilidade e o humor se aliam à competência teórica.

À Profa. Dra. Sophie de Mijolla-Mellor: pelas contribuições teóricas e por viabilizar o estágio sanduíche na Université Paris VII.

Ao Prof. Dr. Luiz Eduardo Prado de Oliveira: pelas enriquecedoras discussões no laboratório de psicanálise e pelo acolhimento oferecido durante o estágio em Paris.

Aos membros da banca, por terem aceito gentilmente o convite: Profa. Dra. Ines Rosa Bianca Loureiro, minha orientadora de mestrado, por participar ativamente do início de tudo e pela ironia de ocupar agora o lugar de examinadora; Prof. Dr. Nelson Coelho Junior, presença fértil e segura desde a qualificação; Prof. Dr. Eduardo Leal, pela profícua psicanálise conterrânea; Prof. Dr. Renato Mezan, por toda contribuição teórica à psicanálise.

Aos professores doutores do Instituto de Psicologia da USP, pela qualidade das exposições e discussões: Eva Maria Migliavacca, Christian Ingo Dunker, Gilberto Safra, Maria Abigail de Souza, Nélson da Silva Júnior, Marlene Guirado, Maria Lívia Tourinho e Paulo César Endo.

Aos professores doutores da PUC-SP, mestres importantes do início do percurso, por também terem aceito fazer parte da comissão julgadora: Silvana Rabello e Mauro Pergaminik Meiches.

Aos gentis e atenciosos funcionários do IP, sempre organizados e dispostos a ajudar: Cláudia Lima Rodrigues da Rocha, Cícera Eloi dos Santos de Andrade, Ronaldo Correa de Assis.

Aos colegas do PSIa pelas boas discussões, especialmente: Daniel Vitorello, Lizana, Marcela, Lucas, Marina Vahle, Priscila, Tatiana, Thais, Bia, Thiago, Paulo e Lívia.

Aos amigos da Maison du Brésil: João Papa Kogawa, Marcelo Burgos, Fernanda Canavêz, Heraldo de Cristo, Thiago, Rafael Aristóteles, Gladson, Saad, Cássio Petit, Valente, Tiba, Débora e Leandro.

Ao amigo Sergio Prudente: pelas interlocuções informais e pela amizade tecida em fios imprudentes de zombaria.

Aos amigos, colegas e conhecidos que, de algum modo, fizeram parte desse processo. Realmente seria impossível nomear todos vocês.

À minha família: pelo apoio afetivo e pela paciente compreensão para com as minhas ausências.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo: pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa em forma de bolsa de doutorado.

À Capes: pelo apoio em forma de bolsa sanduíche.

Devemos ser agradecidos às civilizações que não abusaram da seriedade, que brincaram com os valores e deleitaram-se em engendrá-los e destruí-los

(Emil Cioran)

RESUMO

SOUZA, R. J. A. Do uso da ironia na neurose obsessiva: *destrutividade e criação sublimatória*. São Paulo, 2012. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.

Esta pesquisa parte de uma indicação de Freud, encontrada no caso do Homem dos Ratos, de que a ironia não estaria atrelada às forças compulsivas. Assim, com o objetivo de investigar o uso da ironia nesse tipo específico de neurose, destaca-se inicialmente a necessidade de percorrer as teorizações acerca da neurose obsessiva ao longo da obra freudiana. O percurso demonstra que a renúncia da destrutividade culmina nas defesas sintomáticas obsessivas. Com a segunda tópica, essas formações tornam-se consequências da submissão do Eu à severidade do Supereu. A regressão à fase sádico-anal também passa a ser atribuída à desfusão pulsional e à proeminência da pulsão de morte. De fato, percebe-se que os estudos sobre neurose obsessiva conduzem Freud a um maior entendimento da destrutividade, exigindo reorganizações teóricas nas esferas clínica, metapsicológica e cultural. Deste modo, diante do exposto na primeira parte, o estudo possibilita a tradução do "modo de ser" obsessivo em uma retórica própria, denominada de retórica anal da reatividade e da supermoralidade. Associa-se a esta retórica figuras de linguagem que visam atenuar, interromper, anular e corrigir desejos, tais como o eufemismo, as reticências, a elipse e a epanortose. Já a presença da negativa (*Verneinung*) sinaliza uma possibilidade de constatação do recalcado sem aceitação do conteúdo. De posse de uma retórica obsessiva, a segunda parte do estudo compreende a ironia à luz da teoria freudiana. A obra do Witz tem uma relevância particular nesse entendimento ao proporcionar: o único momento em que Freud define ironia; e o primeiro modelo de sublimação em Freud a partir de uma estética da criação verbal. Já a teoria freudiana do humor, juntamente com a obra de Kupermann, contribui para a articulação da sublimação com o campo do trágico. É o caso do humor irônico presente no comentário do condenado à morte: "Bem, a semana começa bem!". É evidenciado, assim, o trabalho da desidealização na passagem de uma identificação narcísica para uma identificação sublimatória, o que colabora para a hipótese de uma possível flexibilização identificatória na neurose obsessiva via desidealização (humorística e irônica). Em seguida são analisados dois exemplos de uso da ironia em casos freudianos (O Pequeno Hans e a Jovem Homossexual). A ironia é percebida como ceticismo e vingança à palavra do pai, aproximada ora da denegação, ora do desmentido. Por fim, a última etapa do trabalho dedica-se à exposição das relações entre destrutividade e criação na psicanálise, mais particularmente no tocante à problemática da sublimação das pulsões destrutivas. Portanto, diante das balizas teóricas traçadas, conclui-se que o uso da ironia na neurose obsessiva compreende quatro tempos: o tempo do inconsciente, onde a palavra é recalcada; o tempo da constatação, onde a palavra é denegada; o tempo transgressor, onde a palavra é sádica; e o tempo do desamparo, onde o uso é criativo e a palavra é sublimada.

Palavras-chave: ironia; neurose obsessiva; destrutividade; criação; sublimação

ABSTRACT

SOUZA, R. J. A. The use of irony in obsessional neurosis: *destruction and sublimation creation.* São Paulo, 2012. PhD Thesis. Psychology Institute. University of São Paulo.

This research is part of a Freud indication, found in 'The Rat Man`, which tells that irony is not linked to the compulsive forces. So in this sense, aiming at investigating the use of irony in this kind of neurosis, the need to go about the obsessional neurosis theories is a must-do at first, in the course of Freud`s work. This line of thought proves that the destruction resignation leads to the symptomatic obsessive defenses. With the second topography, these formations become a result of the Ego submission to the Super-ego severity. The regression to the anal-sadistic stage is also related to the instinctual defusion and the prominence to death instincts. In fact, we can notice that the studies on obsessive neurosis lead Freud to a wider understanding of destructivity, demanding theoretical reorganizations in the clinical, metapsychological and cultural fields. This way, from what could be gathered, the study enables the translation of the obsessive way of being in a proper rhetoric, named reactivity and super-morality anal rhetoric. This is attached to figures of speech that aim at diminishing, interrupting, blocking and correcting desires, such as euphemism, ellipsis and epanorthosis. As for the presence of negation (*Verneinung*), this makes it possible to confirm the repressed without a content acceptance. Bearing an obsessive rhetoric, the second part of the study analyzes irony in accordance with Freud`s theory. The Witz work has particular importance in this understanding as it provides: the only moment when Freud defines irony; and the first sublimation moment in Freud starting from the verbal creation aesthetics. As for the Freudian theory of humor, together with Daniel Kupermann`s work, it contributes to the bond between sublimation and the idea of tragedy. That`s the case of ironic humor which shows up in the comments of the sentenced to death: "Well, the week starts well!". It`s proved, then, the work of deidealization in the passage of a narcissistic identification to a sublimating identification, what contributes to the hypothesis of a possible identifying flexibilization of obsessive neurosis through deidealization (humorous and ironic). Then, two examples of the use of irony in Freudian cases will be analyzed, The Little Hans and Homosexuality in a Woman. Irony is perceived as skepticism and revenge to the father words, closer sometimes to negation and some other times to denial. At last, the final stage of this job refers to the explanation on the relations between destructivity and creation within psychoanalysis, especially in what refers to the problem of sublimation of destructive instincts. Finally, in light of all the preset theory bases, it could be stated that the use of irony in the obsessional neurosis bears four times: unconscious time, when word is repressed; confirmation time, when word is denied; transgressive time, when word is sadistic; and helplessness, when use is creative and word is sublimated.

Key-words: irony; obsessional neurosis; destruction; creation; sublimation

RÉSUMÉ

SOUZA, R. J. A. L'usage de l'ironie dans la névrose obsessionnelle: *destructivité et création sublimatoire*. São Paulo, 2012. Thèse de doctorat. Institut de Psychologie. Université de São Paulo.

Cette recherche découle d'une indication de Freud qui se trouve dans le cas de L'homme aux rats, où si présent l'idée selon laquelle l'ironie ne serait pas liée à de forces compulsives. Ainsi, pour arriver à comprendre l'usage de l'ironie dans ce type spécifique de névrose, il faut tout d'abord parcourir les théorisations à propos de la névrose obsessionnelle au cours de l'œuvre freudienne. Le parcours démontre que le renoncement de la destructivité permet le développement des défenses symptomatiques obsessionnelles. Avec la deuxième topique, ces formations se rendent conséquences de la soumission du Moi à la sévérité du Surmoi. La régression au stade Sadique-anal passe aussi à être attribuée à la dissociation pulsionnelle et à la proéminence de la pulsion de mort. En fait, on s'aperçoit que les études sur névrose obsessionnelle conduisent Freud à une compréhension plus large de la destructivité, en exigeant réorganisations théoriques dans les sphères clinique, métapsychologique et culturel. De cette façon, devant l'exposition de la première partie, l'étude rendre possible la traduction du "mode d'être" obsessif dans une rhétorique particulière, dénommée rhétorique anal de la réactivité et de la surmortalité. On associe à cette rhétorique quelques figures de langage qui visent d'atténuer, interrompre, annuler et corriger des désires, tels que l'euphémisme, les réticences, l'ellipse et l'épanorthose. Par contre la présence de la négative (*Verneinung*) indique une possibilité de constatation du refoulé sans acceptation du contenu. Par le biais d'une rhétorique obsessionnelle, la deuxième partie mettre en lumière le concept d'ironie à partir de la théorie freudienne. Dans ce sens, l'ouvre sur le *witz* joue un rôle tout à fait particulière. En effet, c'est le moment unique où Freud donne la définition d'ironie; et c'est encore le premier modèle de sublimation chez Freud à partir d'une esthétique de la création verbal. En ce que concerne la théorie freudienne de l'humour – en consonance avec l'œuvre de Daniel Kupermann – elle contribue pour l'articulation de la sublimation avec le champ du tragique. C'est le cas de l'humour ironique présent dans le commentaire du condamné à mort: "Eh bien, la semaine, ça commence bien!" De cette façon, on mettre en évidence le travail de la desidéalisation dans le passage d'une identification narcissique à une identification sublimatoire, ce que corrobore l'hypothèse d'une possible flexibilisation identificatoire dans la névrose obsessionnelle par la voie de la desidéalisation (humoristique et ironique). Ensuite on analyse deux exemples d'usage de l'ironie en des cas freudiens (Le Petit Hans et La Jeune Homosexuelle). L'ironie est perçue comme scepticisme et vengeance contre la parole du père, approchée parfois de la dénégation, parfois du désaveu. Enfin, la dernière étape du travail se dédie à l'exposition des relations entre destructivité et création dans la psychanalyse, plus particulièrement à ce que concerne la problématique de la sublimation des pulsions de destruction. Donc, devant les balises théoriques tracées, on conclue que l'usage de l'ironie dans la névrose obsessionnelle est composée par quatre champs: le temps inconscient, où le mot est refoulé; le temps de la constatation, où le mot est dénie; le temps transgresseur, où le mot est est sadique; et le temps de la détresse, où l'usage est créatif et le mot est sublimé.

Mots-clés: Ironie; névrose obsessionnelle; destructivité; creation; sublimation